

***Memorial de Aires* : A velhice e a diplomacia como estratégias ficcionais**

Idemburgo Frazao - Unigranrio

RESUMO: O presente trabalho intenta demonstrar, a partir do trato da velhice e da diplomacia como estratégias ficcionais, que a capacidade crítica e a ironia, marcantes nas primeiras obras da fase madura machadiana permanecem vivas no texto de *Memorial de Aires*, criado já no ocaso da carreira do autor e que é marcante, nessa obra, a inclinação à reflexão filosófica sobre a existência humana.

Palavras-chave: *Memorial de Aires*, estratégias ficcionais, filosofia,

ABSTRACT: This work aims to show how Machado de Assis deals with the oldness and diplomacy as a fictional strategy; how the critical, the irony abilities became important aspects in some *machadian* works at his mature phase. These characteristics are present in *Memorial de Aires*. This text, written at the final of his career, brings these aspects and promote a philosophical reflection about the human existence.

Key-words: *Memorial de Aires* ; fictional strategies ; philosophy

Introdução

Durante muito tempo, *Memorial de Aires*, o último romance escrito por Machado de Assis, não recebeu análises que o situassem no mesmo patamar qualitativo das primeiras quatro obras de sua segunda fase romanesca: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *D. Casmurro*, *Quincas Borba* e *Esaú e Jacó*. Isso ocorreu, dentre outros motivos, pela utilização, por parte do narrador-personagem, de dados semelhantes aos encontrados na biografia do próprio autor. Mas tais análises são reducionistas e

injustas, pois *Memorial de Aires* não é um “roman à clé”. A chave da leitura do romance não está na vida do autor, e sim nas tramas bem engendradas pela imaginação criadora de Machado de Assis. Como é notório, todo narrador já é, por si mesmo um personagem, e o autor é aquele que assina a obra, que recebe seus direitos autorais. Aires é construído com argamassa que funde imaginação, experiência existencial e criatividade. A maturidade do narrador Aires é realmente semelhante à maturidade machadiana, mas o protagonista possui identidade própria e a adquiriu no trato com a diplomacia. As semelhanças aqui mencionadas entre narrador e autor também fazem parte das estratégias ficcionais machadianas.

O que tem maior preponderância no *Memorial de Aires* - como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - não é o enredo, mas as tramas da linguagem, a inclinação filosófica do narrador, como bem aponta José Guilherme Merquior. Para o autor de *Astúcias da Mimesis*, a ficção machadiana colocou a literatura brasileira em sintonia com as “vozes decisivas da literatura ocidental”, exatamente por sua “orientação problematizadora”. (MERQUIOR, 1979, p. 154) Tal “orientação” permanece nas artimanhas retóricas do Conselheiro Aires. Mais ainda, nestas, a sutileza do humor e da ironia tornam mais profundas as observações do protagonista em relação não apenas aos seus contemporâneos, mas aos seres humanos em todos os tempos. Benedito Nunes, em *No Tempo do Niilismo e outros ensaios*, estuda exatamente essa forte relação da narrativa ficcional machadiana com a filosofia.

John Gladson, conhecido estudioso da obra ficcional machadiana, comentando sobre uma afirmativa contida na dissertação de mestrado de Luiz Dagobert Roncari, denominada *Machado manifesto: o nacional e a utopia de Machado de Assis, um estudo sobre Cultura brasileira*, lembra uma afirmativa de Roncari, mostrando que “Aires não é um simples diarista, mas um “romancista embutido (num) memorialista”. (GLADSON, 2003, 257-258) A pertinência da comparação efetuada pelo estudioso auxilia a tentativa deste artigo de mostrar a *potência* do trabalho mental do Conselheiro Aires. Trata-se de um diplomata-escritor. Como se pode observar, várias vezes vêm se levantando na direção de alçar o romance *Memorial de Aires* a um mesmo status do restante da obra machadiana.

O diplomata, Aires usa uma linguagem que prima por aproximar o ficcional do filosófico. Em seu diário, resguardado do espaço público, o personagem Marcondes Aires avalia criticamente, não apenas a sociedade da virada do século XIX para o XX, como também a própria existência do ser humano, momento de seu ocaso, na velhice.

A contrapelo

O presente artigo, ao invés de interpretar a trajetória do romance *Memorial de Aires* como se o mesmo pudesse ser entendido como um “roman-a-clé” - ou seja, a partir das coincidências entre criador e personagem -, intenta apontar para a profundidade que se esconde no aparente marasmo contido nas narrações desse importante romance da chamada fase madura machadiana.¹

Autores como Augusto Meyer, por exemplo, conseguiram se afastar dessa tendência de alguns dos comentadores da obra ficcional machadiana de mostrar que *Memorial de Aires* seria o romance em que Machado de Assis tentaria explicitar uma remissão de seus *pecados* de cético, irônico e pessimista, empunhando uma espécie de filosofia piedosa. (GLADSON, 2003, 248 e 286) Entretanto Meyer, em seu comentário sobre o romance em destaque, apresenta uma visão negativa da obra escrita já próximo da morte do autor, afirmando que o “*Memorial* é um livro morto, livro bocejado e não escrito”. (GLADSON, 2003, p 248) O próprio John Gladson, que tenta reorientar a leitura do *Memorial*, precisou buscar em problemáticas ligadas aos personagens Tristão e Fidélia o caminho de sua interpretação.

¹ As discussões aqui empreendidas em torno da tentativa de distanciamento da figura do autor, Machado de Assis, de seu personagem Marcondes Aires, têm sido implementadas por mim em alguns artigos publicados, a partir de minha Tese de Doutorado, em 1999: *Burocracia como Imaginação: três momentos da Literatura Brasileira e suas fronteiras*.

Ou ainda, Luiz Costa Lima, um dos autores que lucidamente analisou a obra ficcional machadiana, vai buscar “no dilema - em uma sociedade periférica, e por extensão do intelectual” (LIMA, 1981, p.113) sua linha interpretativa do último romance machadiano. Não segue o caminho por ele próprio aberto, anteriormente, relativo à representação social na obra machadiana, empreendido no capítulo de *Dispersa Demanda*, “Sob as faces de um Bruxo”. Costa Lima preferiu não aprofundar no *Memorial* o que se ocultava sob as faces de um diplomata não menos oblíquo que o “Bruxo do Cosme Velho”. O autor de *O controle do Imaginário* obviamente percebeu tal obliquidade, e é esta a base mesma de suas análises. Mas ao passar a tratar da música como eixo temático da leitura do *Memorial*, terminou por não efetivar uma leitura que revelasse como se organiza a imaginação de José Marcondes da Costa Aires.

O protagonista Aires desenvolveu, a partir de seu trabalho na diplomacia, uma estratégia que o faz, enquanto narrador, extrair noções lúcidas acerca das mazelas e tolices inerentes à existência humana. Marcondes Aires é o último dos narradores machadianos. É ele também o detentor de um título que se encaixa bem em seu ofício de diplomata: conciliador. Personagem e narrador do *Memorial*, Aires já figurara em *Esau e Jacó*. Segundo Alfredo Bosi, o Conselheiro Aires “ouve mais do que fala e concilia o quanto pode”. (BOSI, 2007, p. 130) Seu principal instrumento de trabalho é a articulação do jogo estratégico de convívio que constrói a partir de suas reflexões.

Como afirma Alfredo Bosi, o personagem possui “a vocação de descobrir e encobrir. Toda a diplomacia está nestes dois verbos parentes”. (BOSI, 2007, p. 130) *Memorial de Aires*, romance publicado em julho de 1908, traz um narrador-personagem sexagenário, diplomata e aposentado. Estas condições, segundo Alfredo Bosi, são fundamentais para um bom afastamento do personagem em relação ao convívio com seus contemporâneos, o que possibilita uma melhor condição para utilizar a enorme capacidade analítica, necessária às funções do diplomata. Mas tal condição não deve ser entendida como possibilitadora de um distanciamento efetivo, pois tais condições são “ideais para quem se quer afastado da praia, mas ‘com os olhos na gente que fica’”. (BOSI, 2007, p. 129)

De acordo com o autor da consagrada *História Concisa da Literatura Brasileira*, a forma de articular as peças do jogo diplomático, que já se insinuava em *Esau e Jacó*, se complica no “Memorial, pois se dá também no foro íntimo do narrador em primeira pessoa”. (BOSI, 2007, p. 130-131) Machado de Assis, ainda de acordo com Alfredo Bosi, consolidará a capacidade já instaurada em “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de dispensar-se de intervir no duro jogo da sociedade. Sendo Aires um aposentado, diplomata e sexagenário, pode relacionar-se sem envolver-se efetivamente com o mundo que o rodeia ou, pelo menos, escolher quando quer se envolver. O personagem joga com as circunstâncias e é um conciliador em potencial. O fato de estar compondo um memorial, que deverá ser lido pelos seus pósteros, reorienta a primeira impressão. O que deveria ser tomado como verdade *inquestionável*, por tratar-se do testemunho de vida do personagem, pode receber uma leitura oblíqua, tão oblíqua como costuma ser a narrativa machadiana.

Nas atitudes do experiente personagem Marcondes Aires, já não se encontram os arroubos do vigoroso narrador e defunto-autor Brás Cubas, tampouco a casmurrice do velho Bento Santiago. A argúcia de Brás Cubas e a introspecção de D. Casmurro, entretanto, estão bem presentes nas atitudes do velho diplomata Aires. Entretanto, mais sutil que Brás Cubas (não menos sagaz) e menos detentor da consciência judaico-cristã de culpa do doutor Bento, o Conselheiro Marcondes Aires, que já passara dos sessenta anos, é menos um derrotado pelas instâncias da velhice e da aposentadoria que um hábil e perene especialista nas *relações exteriores* (ou seja, nas representações sociais). Especialista nos assuntos relativos à representação social, Aires embora não minta, não dissimule (o que poderia torná-lo uma das figuras criticadas por Brás Cubas), se orienta sempre de acordo com o que convém a cada momento.

O diplomata e sua “folha de papel”

A estada na Europa durante a metade de sua vida, o contato com uma outra perspectiva de mundo, influenciou também na capacidade que Aires demonstra no transcurso da narrativa, de silenciar quando necessário e só emitir sua opinião quando esta puder ser entendida de acordo com sua vontade, sem causar polêmica. A intenção de mostrar

uma imagem de cidadão equilibrado, comedido, isento de paixões e, por esse motivo, capacitado a avaliar criticamente a realidade objetiva, adicionada à vontade de neutralizar o sentimentalismo que seria comum à velhice, faz com que o protagonista opte pela “contenção de linguagem”. (Ver: SARAIVA, 1993, p. 171)

Um dado importante, na relação do personagem com seu diário, encontra-se no fato de que o narrador trata o leitor com ironia ainda mais sutil do que aquela já conhecida na obra machadiana. Ao invés de dirigir-se à desleixada senhorita leitora dos folhetins do romantismo, ele evoca como seu receptor a folha de papel. O Conselheiro é também, como seu criador, um mestre no uso da ironia na arte de narrar, como se pode constatar no seguinte trecho, quando o narrador dialoga com o seu papel-receptor: “Isto, sim, papel amigo, isto podes aceitar, porque é a verdade íntima e pura e ninguém nos lê”. (ASSIS, 1992, 1117) Sendo o papel o seu confidente imediato, não teria o mesmo a função de divulgar, de levar suas idéias adiante. Mas, obviamente, não é o que ocorre, pois o narrador é um diplomata-escritor.

Um traço que aproxima o Conselheiro Aires do bacharel Bento Santiago, protagonista de *D. Casmurro*, é a reflexão constante baseada na tradição e na necessidade de agir de acordo com o comportamento socialmente aceito, mas, após rápidas reflexões, o Conselheiro apenas observa, sem guardar remorsos ou arrependimentos acerca de algum momento de sua vida. Quando em uma das passagens de *Memorial de Aires*, um conhecido o convida para seguir o cortejo que saudaria a Regente, após a abolição da escravatura, o Conselheiro reflete (em seu diário):

Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, e os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor as rédeas do cocheiro aos cavalos, e recusei. (ASSIS, 1992, p 1118)

A comparação do Conselheiro Aires ao doutor Bento se mostra possível no que diz respeito à intenção de seguir a orientação da tradição; mais ainda aos hábitos quietos e à idade. Mas o que mais os separa é esta capacidade que possui Marcondes Aires, herdada da diplomacia, de *jogar* com a tradição sem, entretanto, deixar-se enredar por ela. Aires é, de certa forma, “uma espécie de Bentinho que se afastou da necessidade de torcer os

fatos [ou] de unir as duas pontas da vida”. (LIMA, 1981, 117) O doutor Bento Santiago embora dominasse a linguagem culta adquirida no curso de direito e no seminário, herdou da infância, motivada pela dependência materna, a ausência de capacidade de entender a *obliquidade* necessária à leitura da vida social de sua época. Por conseguinte, era incapaz de compreender a *representação social*. (LIMA, 1981, 113) Aires, também bacharel, age de forma diferente.

O ofício diplomático aperfeiçoara seu gosto pela conciliação. Nos salões, nas confidências, Aires está em seu meio. Nenhum deslize, nenhuma afoiteza (...) para seu diário, contudo, Aires confia a franqueza que escamoteava de parentes, parceiros e amigos. (LIMA, 1981, 113)

Conclusão

O ceticismo e a tragicidade de Pascal, a influência da filosofia de Schopenhauer, dentre outras estudadas por Benedito Nunes na obra machadiana, (NUNES, 1993, p. 130) também estão presentes na pena de Marcondes Aires. O traço genial da existência desta problematização filosófica no *Memorial* está no fato de que, ao invés de surgir no centro do humor e da ironia, embasam a existência mesma do personagem. Ou seja, não ocorre como no capítulo “O delírio”, de *Memórias Póstumas*, ou no *humanitismo* de Quincas Borba, apontados pelo autor de *O dorso do tigre*. (NUNES, 1993). A filosofia, no *Memorial*, está amalgamada ao pensamento do Conselheiro. Aires utiliza a experiência possibilitada pela velhice, fundida a uma capacidade de negociação de idéias, absorvidas em suas funções de diplomata, como um dos elementos mais importantes da construção ficcional do protagonista-escritor Aires. E isso levou alguns especialistas da obra machadiana a praticamente anular a importância das estratégias ficcionais usadas por Machado de Assis em seu efetivo romance da maturidade. A velhice é, em realidade, a base temática da nova maneira de lidar com a ironia e com o humor. A maturidade torna-se um filtro potente, e não menos suave, a partir do qual o diplomata-escritor analisa criticamente seus contemporâneos e a si mesmo.

Na percepção das mazelas humanas e da hipocrisia inerente ao convívio social, o ceticismo, para seguir as reflexões de Benedito Nunes, leva este último grande

protagonista machadiano a usar suas estratégias, não a favor da redenção ou mesmo da perfeição, mas da manutenção de sua tranquilidade . A experiência e a idade do Conselheiro o levam a diminuir a ansiedade existencial. Se não há esperança de erradicar a hipocrisia caracterizadora do gênero humano, resta-lhe apenas administrar o tempo que lhe sobra, em paz.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: _____. *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e Confissão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à linguagem*. São Paulo: Ática, 1997
- GLADSON, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. Sob as faces de um bruxo. In: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- NUNES, Benedito. Machado de Assis e a filosofia. In: _____. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.
- SARAIVA, Juracy Assmann. *O circuito das memórias em Machado de Assis*. São Paulo: Edusp ; São Leopoldo (RS), Usininos, 1993.